

# a demanda do bobo

saga assassino e o bobo / livro 3

robin hobb

Tradução de Jorge Candeias



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*A Rudyard. Ainda o meu Mais Amado  
depois de todos estes anos*





Ilha Gancho

Ilha do Cravo

Ilha Beche

Fundos Altos

Angra de Marteleira

Ilha do Linho

Ilha da Armação

Baixios de Maré

Ilha da Fenda

Lencó ao Vento

Ilha da Garra

Limpa

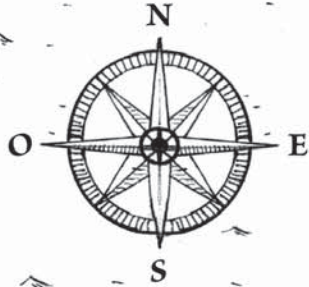
Ilha de Vigia



Seis Ducados

Fronteira

Torres





## CAPÍTULO 19

### A Estratégia

*...mas a ilha está rodeada por magia, de forma que só aqueles que já lá estiveram podem regressar. Nenhum forasteiro é capaz de encontrar o caminho até lá. Contudo, raramente, nascem crianças pálidas que, sem nunca lá terem estado, recordam o caminho e por isso importunam os pais até serem levadas até lá, para crescerem lentamente até serem velhas e sábias.*

*Nessa ilha, num castelo feito de ossos de gigantes, vive uma vidente branca, rodeada pelos seus servos. Ela previu todos os fins possíveis para o mundo e os servos anotam cada palavra que ela profere, escrevendo-a com tinta de sangue de ave em pergaminho feito de pele de serpente marinha. Diz-se que os servos se alimentam de carne e sangue de serpentes marinhas, para poderem lembrar-se de passados que estão muito para lá dos seus próprios nascimentos e que também essas recordações registam.*

*Se um forasteiro quiser ir até lá, deve encontrar como guia alguém que tenha aí nascido, e tem de se assegurar de levar consigo quatro dádivas: uma de cobre, uma de prata, uma de ouro e uma feita com um osso de homem. E as de cobre e ouro não podem ser simples moedas; devem ser joias raras, feitas pelos mais hábeis dos ourives. Com esses penhores, cada um na sua bolsa de seda negra, atada com uma fita branca, o viajante deve abordar o guia e pronunciar o seguinte encantamento: “Com cobre te compro a fala, com prata te compro os pensamentos, com ouro te compro as memórias e com um osso prendo o teu corpo para teres de me acompanhar numa viagem até à terra onde nasceste.” Então, essa pessoa aceitará as quatro bolsas oferecidas pelo viajante e falar-lhe-á e lembrar-se-á fielmente e guiá-lo-á até à pátria onde nascera.*

*Mas mesmo depois, o caminho do viajante poderá não ser fácil pois, embora o guia esteja obrigado a levá-lo a Clerrestria,*



*nada pode obrigá-lo a levá-lo pelo caminho mais direto, nem a falar-lhe em palavras simples.*

Uma história de menestrel das Ilhas Externas,  
registada por Breu

**A**cordei sobressaltado com uma leve batida à porta. Estava vestido, em cima da cama. A luz que entrava pelas portadas da minha janela disse-me que era dia. Esfreguei a cara, tentando despertar-me, e depois desejei não o ter feito. A costura pregueada na minha testa estava agora dorida. A batida voltou a soar.

“Cinza?”, chamei baixinho e depois apercebi-me de que as batidas vinham da porta escondida, não da que dava para o corredor. “Bobo?”, questionei e, em resposta, ouvi: “Matizada, Matizada, Matizada.” Ah. O corvo. Acionei a porta e, quando ela se abriu, a ave saltitou para dentro do meu quarto.

“Comida, comida, comida?”, perguntou.

“Lamento. Não tenho cá nada para ti.”

“Voar, voar, voar, voar!”

“Deixa-me primeiro olhar para ti.”

Ela saltitou para mais perto de mim e eu apoiei-me num joelho para a inspecionar. A tinta parecia estar a durar. Não vi nela nenhum branco. “Vou deixar-te sair, que sei que deves estar morta de vontade de voar. Mas se fores sensata, vais evitar os da tua espécie.”

Ela não deu resposta a isto, mas observou-me enquanto eu ia até à janela e a abria. Era um dia de céu azul. Olhei por cima de muralhas de castelo encimadas por um talude adicional de neve. Esperara que fosse alvorada. Não era. Eu passara a noite inteira e parte da manhã a dormir. Ela saltou para o parapeito e lançou-se no ar, sem um olhar para trás. Fechei a janela e depois tranquei a porta secreta. O ar frio na minha cara apertara os pontos defeituosos. Teriam de sair. O Bobo estava cego e ser eu a tirá-los exigiria segurar num espelho com uma mão e repuxá-los com a outra. E eu certamente não queria voltar a chamar o curandeiro que me tinha feito aquilo.

Sem pensar, contactei Breu. *Podias ajudar-me a tirar os pontos da testa? O meu corpo está a tentar sarar e os pontos estão a franzir a pele.*

Senti-o lá, na extremidade do meu fio de Talento. Andava à deriva como uma gaiivota montada na brisa. Depois disse baixinho: *Consigno ver o calor das chamas através da vigia. Aqui está frio mas tenho de cá ficar*

*durante o turno inteiro. Detesto-o tanto. Quero ir para casa. Só quero ir para casa.*

*Breu? Estás a sonhar? Estás em casa, em segurança, no Castelo de Torre do Cervo.*

*Quero voltar para a nossa pequena quinta. Devia ter sido eu a herdá-la, não ele. Ele não tinha nenhum direito de me mandar assim embora. Tenho saudades da minha mãe. Porque teve ela de morrer?*

*Breu. Acorda! É um pesadelo!*

*Urtiga tentou calar-me. Fitz. Para, por favor. O seu contacto pelo Talento comigo era estreito e privado. Nenhum dos seus aprendizes ou jornaleiros nos ouviriam. Estamos a tentar mantê-lo calmo. Ando à procura de um sonho que possa acalmá-lo e dar-lhe uma estrada por onde possa voltar para nós. Mas só pareço encontrar os pesadelos. Vem até ao quarto dele, que te trato dos pontos.*

*Lembra-te de vires como o Príncipe FitzCavalaria!, interrompeu Respeitador, montado na corrente de pensamentos da minha filha. Já provocaste bastante falatório quando roubaste aquele cavalo. Eu comprei-o por ti, pelo dobro do preço que qualquer cavalo devia valer! Tentei explicar que tinha sido um engano, que tinhas mandado vir um cavalo e pensaste que a ruana era para ti. Mas mostra-te circunspecto com todas as pessoas que encontrares e tenta evitar conversas. Ainda estamos a tentar construir uma história plausível para ti. Se alguém fizer comentários sobre a tua aparência jovem, sugere que é efeito dos anos passados junto dos Antigos. E, por favor, mostra-te adequadamente misterioso a esse respeito!*

Afirmei que o faria, numa apertada emissão de Talento dirigida a Respeitador. Depois examinei-me cuidadosamente no espelho. Fervia de impaciência por ir atrás de Abelha, mas partir à sorte era tão provável que me levasse para mais longe dela como para mais perto. Calquei a frustração. Tinha de esperar. Tinha de aguentar e esperar. A sugestão do Bobo para nos precipitarmos para Clerres, uma viagem de meses, parecia-me prematura. Todos os dias que eu viajasse para sul seria mais um dia em que Abelha estava cativa dos calcedinos. Era muito melhor recapturar Abelha e Esquiva cedo do que tarde, antes de poderem ser levadas para fora dos Seis Ducados. Agora que sabíamos quem e o que eles eram, parecia-me improvável que conseguissem iludir as nossas buscas. Os relatórios seriam trazidos para ali, para Torre do Cervo. Decerto que alguém teria visto algum sinal deles, algures.

E decidi ser entretanto tão tratável quanto possível. Já criara a Respeitador e Urtiga dificuldades suficientes. E tinha a sensação de que ia



pedir muita ajuda tanto a eles como ao tesouro real. Eles fá-lo-iam por amor a mim e a Abelha, independentemente do custo. Mas ia ser difícil para o rei emprestar-me os homens de armas de que eu poderia ter necessidade sem que alguém fizesse uma ligação firme entre a filha raptada de Tomé Texugo, o ataque a Floresta Mirrada e o há muito desaparecido FitzCavalaria. Sê-lo-ia ainda mais difícil com Breu a divagar numa febre causada pelos ferimentos e incapaz de aplicar a sua esperteza ao problema. O mínimo que eu podia fazer era não dificultar mais o jogo de cordelinhos políticos que eles jogavam.

Cordelinhos políticos. Enquanto brutamontes tinham a minha filha cativa. A raiva cresceu em mim. Senti o coração bater violentamente e os músculos inchar com ela. Queria lutar, matar aqueles calcedinos como tinha apunhalado, mordido e esganado os atacantes de Breu.

*Fitz? Há alguma ameaça?*

*Nada, Respeitador. Nada.* Nada para que eu tivesse um alvo. Por enquanto.

Quando saí do meu quarto, estava barbeado e o cabelo fora atado na coisa mais parecida com um rabo de cavalo de guerreiro de que eu me podia vangloriar. A roupa era o menos colorido dos trajes que Cinza pusera de parte como adequados para o Príncipe FitzCavalaria. Usava a espada simples à anca, um privilégio do meu estatuto no interior de Torre do Cervo. Cinza engraxara-me as botas até as deixar a brilhar e o brinco que eu usava tinha o que parecia ser uma safira verdadeira. A meia capa pregueada com bainhas de renda era um aborrecimento, mas eu decidira que teria de confiar em Cinza e esperar que trajes tão tolos não fossem nenhuma partida do rapaz.

Os corredores do castelo, que tinham estado repletos de gente durante o Festival de Inverno, mostravam-se agora mais sossegados. Caminhei por eles com confiança, endereçando um sorriso a cada criado que encontrava. Já chegara à escada que me levaria ao piso dos apartamentos reais quando uma mulher alta se empurrou de súbito para longe da parede a que estivera encostada. O cabelo grisalho estava puxado para trás num rabo de cavalo de guerreira e a postura fácil informou-me de que estava perfeitamente equilibrada. Poderia atacar ou fugir num instante. Fiquei de repente muito alerta. Ela sorriu-me e eu perguntei a mim mesmo se teria de a matar para passar por ela. Falou baixinho. “Eh, Fitz. Tens fome? Ou será que agora és demasiado orgulhoso para me fazeres companhia na messe dos guardas?”

Os seus olhos cruzaram-se com os meus e aguardou. Foi preciso algum tempo para a minha memória viajar tantos anos para trás. “Capitã Rapoluva?”, consegui alvitrar.

O sorriso na cara dela tornou-se mais caloroso e os olhos reluziram.

“Estava com curiosidade de saber se me reconhecerias depois de todos estes anos. Estamos muito longe de Baía Limpa, em distância e em tempo. Mas eu fiz uma aposta, e das grandes: que um Visionário não esquece quem o protegeu.”

Estendi imediatamente uma mão e apertámos os pulsos. A mão dela era quase tão firme como tinha sido em tempos e fiquei imensamente contente por ela não estar ali para me matar.

“E passaram-se muitos anos desde que alguém me chamou capitã. Mas e tu, o que tens feito? Esse corte não parece ter mais de uma semana.”

Toquei-o, embaraçado. “É uma história humilhante, sobre um encontro muito pateta com o canto de uma parede de pedra.”

Ela abanou a cabeça ao ouvir aquilo. “É estranho que pareça um golpe de espada. Estou a ver que o que tenho para te dizer devia ter sido dito há um mês. Vem comigo, por favor.”

*Atrasado*, transmiti numa emissão de Talento apertada e pequena, dirigida a Respeitador e Urtiga. *A Capitã Rapoluva quer ter uma conversa comigo.*

*Quem?*, perguntou Respeitador, preocupado.

*Ela protegeu a tua mãe na Batalha de Baía Limpa. Kettricken deverá lembrar-se dela, julgo eu.*

*Ah.*

Perguntei a mim mesmo o que saberia ele dessa história e, enquanto as recordações desse dia sangrento me iam escorrendo pela mente, avancei a passos largos, ao lado da velha. Ainda tinha o porte direito de uma guarda e os passos compridos de alguém que é capaz de executar uma marcha rápida durante quilómetros. Mas enquanto caminhava, ela disse: “Eu não sou capitã nos guardas há muitos anos, meu príncipe. Quando a Guerra dos Navios Vermelhos finalmente terminou, casei, e conseguimos ter três filhos antes de eu ficar demasiado velha para dar à luz. E, a seu tempo, eles deram-me e ao Rosse Vermelho uma dúzia de netos. Vós?”

“Ainda não tenho netos,” disse.

“Então o filho da Dama Urtiga será o primeiro?”

“O meu primeiro neto,” confirmei. As palavras soaram estranhas na minha boca.

Descemos ruidosamente a escada lado a lado e eu fiquei estranhamente satisfeito com os olhares invejosos que outros criados deitavam à mulher quando por eles passávamos. Houvera alturas em que a amizade com o Bastardo não fora algo a acarinhar, mas ela dera-ma. E lá fomos descendo, até ao piso do castelo onde era realizado o verdadeiro trabalho, passando

pelos lavadeiros com os seus cestos de lençóis, tanto limpos como sujos, por pajens que equilibravam bandejas cheias de comida e por um carpinteiro, o seu empregado e três aprendizes, que se preparavam para reparar qualquer coisa no castelo. Passámos pelas cozinhas onde Tempero em tempos reinara e fizera de mim seu favorito apesar das ramificações políticas. E dirigimo-nos para a porta arqueada que dava para a messe dos guardas, onde o clamor de gente a comer com apetite raramente cessava.

Rapoluva levou uma mão ao meu peito e fez-me parar aí. Olhou-me diretamente nos olhos. Tinha o cabelo grisalho e rugas enquadravam-lhe a boca, mas os olhos escuros eram tão brilhantes e intensos como sempre. “Sois um Visionário, e eu sei que um verdadeiro Visionário se lembra das suas dívidas. Estou aqui em nome da minha neta e do meu neto. Sei que vos lembrareis dos tempos em que algumas palavras vossas me levaram, com Assobio e uma mancheia de outros bons soldados, a abandonar a Guarda do Rei Veracidade e vestir o púrpura e branco e o emblema da raposa da nossa rainha estrangeira. Lembrais-vos disso, não é verdade?”

“É.”

“Então aprontai um sorriso, senhor. O vosso momento chegou.”

Indicou-me com um gesto que a antecedesse. Entrei na sala, fortalecido com temor e pronto para tudo. Exceto para ouvir alguém gritar “Hep!” e ver todos os guardas que estavam à mesa saltar de súbito para se porem em pé. Bancos raspavam ruidosamente no chão quando foram empurrados para trás. Uma caneca inclinou-se precariamente quando a mesa deu um salto. Depois assentou e o silêncio encheu a sala de homens e mulheres muito direitos, formalmente em sentido para me saudar. Sustive a respiração.

Muitos anos antes, o Rei Expectante Veracidade tinha criado um símbolo para mim. Eu fora o único a usá-lo. Era o cervo Visionário, mas com a cabeça baixa em carga e não na pose altiva que um filho de rei usaria. E por cima houvera a banda vermelha que me marcava como bastardo, ao mesmo tempo que o cervo reconhecia a minha linhagem.

Agora eu enfrentava uma sala cheia de guardas em pé, e meia dúzia deles usava ao peito o cervo cortado. Os justilhos eram de azul de Cervo, com uma risca vermelha pelo peito abaixo. Fitei-os, sem fala.

“Sentem-se, seus idiotas. Continua a ser só o Fitz,” anunciou Rapoluva. Oh, ela estava a gostar daquilo e, quando alguns dos jovens presentes na sala olharam para ela de boca aberta, assombrados pela temeridade, intensificou-a pegando-me no braço e puxando-me para um lugar num dos bancos compridos que rodeavam a mesa. “Empurrem para aqui o jarro de cerveja

e um bocado de pão escuro e de queijo fresco. Ele pode sentar-se agora na mesa elevada, mas foi criado com rações de guardas.”

E eu sentei-me, e alguém me serviu uma caneca e perguntei a mim mesmo como aquilo me podia parecer tão bom, tão estranho e tão terrível ao mesmo tempo. A minha filha estava desaparecida e em perigo, e ali estava eu, com um sorriso tolo na cara, enquanto uma velha explicava que estava na altura de eu ter a minha própria guarda e que, embora os outros netos fossem todos membros da guarda de Kettricken, os dois mais novos ainda não tinham prestado juramento. E quanto ao resto dos guardas instalados à mesa, a trocar risinhos uns com os outros por verem um “príncipe” Visionário a partilhar a sua comida simples, não podiam saber que a comida raramente me soubera melhor. Aquele pão escuro, o queijo de sabor intenso e a caneca de cerveja a transbordar de espuma eram os alimentos que me tinham sustentado durante muitas horas sombrias. Era o melhor banquete que eu poderia imaginar para aquele momento de peculiar triunfo.

Rapoluva pastoreou dois jovens na minha direção, com uma mão em cada um dos seus ombros. Nenhum podia ter mais de vinte anos e a rapariga endireitou-se visivelmente para tentar parecer mais alta. “São primos, mas são tão parecidos como dois gatinhos da mesma ninhada. Esta é a Astuta e este é o Pronto. Já usam o vosso símbolo. Quereis aceitar agora os juramentos deles?”

“*O Rei Respeitador está ao corrente de tudo isto?*” Disse as palavras em voz alta ao mesmo tempo que as enviava numa apertada emissão de Talento dirigida a Respeitador. O pensamento é rápido. Ele testemunhou num instante o meu dilema e senti o divertimento que este lhe causava.

“Se não está, devia estar,” respondeu mordazmente Rapoluva e canecas bateram na mesa mostrando acordo. “Não me lembro de terdes pedido autorização antes de o símbolo da raposa branca assinalar um corpo de guardas.”

“Ah, mas isso foste tu e a Assobio, não fui eu!”, retorqui, e ela riu-se.

“Talvez. Mas eu recordo as coisas de outra forma.” Depois ficou séria. “Ah, Assobio. Ela foi longe de mais, não foi?” Pigarreou. “Meus pequenos, puxem pelas facas e apresentem-nas ao Fitz... ao Príncipe FitzCavalaria. Vamos fazer isto à moda antiga.”

E a moda era mesmo antiga, tão antiga que eu não a conhecia, mas ela orientou-nos e seguiram-se mais cinco. Ela fez um pequeno corte nas costas da minha mão esquerda e, quando a ponta da sua faca transmitiu o meu sangue para a palma estendida do rapaz, disse-lhe: “O sangue dos Visionários está nas tuas mãos para que o protejas. Tens nas mãos a vida dele, agora e

sempre que puxares por uma lâmina em seu nome. Não a desonres, nem ponhas a tua vida à frente da dele.”

Houve mais e eu tomei consciência de Respeitador primeiro e depois Urtiga se juntarem a mim enquanto os guardas que usavam o meu símbolo se aproximavam de mim, um de cada vez. Ajuramentaram-me as espadas e acolheram o meu sangue nas mãos e eu tentei respirar e manter alguma espécie de pose régia enquanto o fazia. Quando o último se levantou, acendendo a espada ajuramentada que eu lhe devolvia, senti um murmúrio de Talento vindo de Urtiga. *Isso foi lindo.*

*Aposto que o Fitz está a chorar como uma donzela.* Isto veio de Respeitador, carregado de ironia, mas eu conseguia sentir que ele estava tão comovido como Urtiga.

*Ou a chorar como um homem que é finalmente bem-vindo a sua casa,* replicou Urtiga.

*Que faço eu agora com eles?* Estava um pouco atordoado.

*Aquartela-os. Veste-os. Paga-lhes. Assegura-te de que mantêm a disciplina e treinam todos os dias. Não é divertido fazer parte da família real? Vais precisar de pessoal, Fitz. Das pessoas que fazem todas as coisas que é preciso fazer.*

*Não tenho tempo para isto! Tenho de ir à procura de Abelha!*

*Com eles atrás, Fitz. Vais precisar deles. Mas a maior parte parece verde como relva. Queres que escolha um dos meus capitães e to envie?*

*Acho que tenho uma ideia melhor. Espero eu.*

O meu silêncio durante a conversa com Respeitador fora tomado por gravidade. Virei o olhar para Rapoluva. “Capitã Rapoluva, agora queria a vossa espada.”

Ela fitou-me. “Eu sou uma velha, Fitz. Abandonei a guarda há muitos anos, depois de o nosso rei ter expulsado os Navios Vermelhos das nossas costas. Gostei da paz. Casei, tive filhos e vi-os todos os dias. Agora estou velha. Tenho um cotovelo em mau estado e os joelhos estão perros e a minha vista não é o que era.”

“Mas a mente é. Podes recusar-me se quiseres. Imagino que tenhas casa e marido e...”

“O Rosse Vermelho já se foi há muitos anos.” Ficou muito imóvel. Vi memórias passarem-lhe pelos olhos. Depois falou num suspiro enquanto desprendia do cinto uma humilde faca. “Se ainda quiseres a minha faca, eu ajuramento-ta, Fitz.”

“Quero. Vou precisar de alguém que mantenha estes cachorrinhos na ordem.”

E assim reabri o pequeno ferimento na minha mão e pus o meu sangue na palma de alguém que já tivera nas mãos as vidas de descendentes dos Visionário. Não deixei que ela se pusesse de joelhos à minha frente; aceitei a sua promessa em pé. “Face a face, como em tempos estivemos costas contra costas,” disse-lhe. Ela sorriu e todos os guardas presentes na sala a aclamaram.

“E as minhas ordens, senhor?”, perguntou.

“Fazer o que achares melhor. Sabes muito melhor do que eu como capitaneá-los. Aloja-os, veste-os, assegura-te de que não quebram a disciplina e leva-os para os terreiros de treino. E paga-lhes quando o pagamento for devido.” Tentei não revelar que não fazia a mínima ideia de onde esses fundos viriam.

*Os guardas são pagos com fundos do tesouro. Eu informo a Dama Pé-Ligeiro de que temos um novo corpo de guardas. Neste momento, Breu está acordado e quase sensato. A minha mãe está com ele. Eu e a Urtiga encontramos-te lá.*

*A caminho.*

Mas levei algum tempo a libertar-me da messe dos guardas. Tive de fazer um brinde à minha nova Capitã da Guarda e de confirmar várias histórias que ela contara sobre a batalha de Baía Limpá. Felizmente, nenhum deles tocou na minha lendária capacidade de me transformar num lobo e rasgar goelas. Finalmente consegui deixar Rapoluva à cabeceira da mesa com os dois netos, radiantes de orgulho nela, enquanto eu me escapulia.

Baixei a cabeça, como se estivesse profundamente mergulhado em pensamentos, e percorri apressadamente os corredores e as escadas do Castelo de Torre do Cervo, com tudo em mim a dizer que era um homem que não tinha tempo para parar e conversar. A minha preocupação com Abelha competia com a minha preocupação com Breu. Precisava que ele me ajudasse a analisar tudo o que o Bobo me dissera sobre os Servos. Se alguém saberia como os ultrapassar em esperteza, seria Breu. Precisava dele para todos os aspetos do meu regresso à vida em Torre do Cervo. Era desencorajador perceber quanto dependia dele. Tentei imaginar a corte de Torre do Cervo sem ele. Ou a minha vida sem ele a manipular todas as espécies de acontecimentos, escondido atrás das cortinas como um bonecreiro muito hábil. Eu contara com ele para fabricar e disseminar explicações plausíveis sobre onde eu estivera e qual era a minha ligação a Tomé Texugo, caso houvesse alguma. Quão depressa voariam as novidades de Floresta Mirrada até Mirra e depois até Margem de Carvalhos? Eu lidaria com isso. Jurei a mim mesmo

que, quando tivesse Abelha de volta, lidaria com tudo o resto, e subi o último lanço de escadas dois degraus de cada vez.

Uma pajem com uma bandeja cheia de pratos vazios estava mesmo a sair do quarto de Breu e atrás dela veio uma cavalgada de curandeiros com bacias, ligaduras sujas e cestos de produtos para tratar ferimentos. Acenaram-me saudações ao passar e eu respondi. Quando o último saiu, enfiei-me pela porta aberta.

Breu repousava em grande estilo no meio dos seus lençóis e almofadas verdes-esmeralda. Os pesados cortinados em volta da cama tinham sido puxados para trás. Um fogo grande e alegre ardia na lareira e a sala estava tepidamente iluminada com velas. Kettricken encontrava-se lá, com um vestido simples de branco e púrpura. Sentava-se numa cadeira perto da cabeceira da cama de Breu, com um bocado de costura nas mãos. O Rei Respeitador mantinha-se aos pés da cama, formalmente ataviado com pesadas vestimentas. A coroa pendia-lhe das pontas dos dedos. Suspeitei que tivesse acabado de vir das Salas de Julgamento. Urtiga olhava pela janela, de costas voltadas para mim. Ao virar-se, imaginei conseguir ver um ligeiro inchaço na sua barriga. Uma criança em crescimento. Um bebé para ela e Enigma acarinharem.

Voltei a virar-me para Breu. Almofadas amparavam-no a toda a volta. Olhava para mim. A periferia dos olhos estava rosada como se tivesse sido recentemente limpa de uma crosta e a pele parecia solta na sua cara. As mãos de dedos compridos repousavam na borda da colcha, imóveis como eu raramente as vira. Mas o seu olhar cruzou-se com o meu e reconheceu-me. “Estás com péssimo aspeto,” cumprimentei.

“Sinto-me pessimamente. A espada daquela escumalha fez mais danos do que eu pensava.”

“Mas mesmo assim acabaste com ele.”

“Acabei.”

Parámos aí. Eu não dissera a nenhum dos presentes como Breu pusera fim ao traidor. Ou teria dito? Oh. Lembrei-me do que Respeitador me dissera sobre os Remexidos e perguntei a mim mesmo o que pensariam eles de tendões do jarrete cortados, de um nariz golpeado e de uma garganta rasgada. Mais tarde. Lidaria com isso mais tarde.

Apeteceu-me perguntar se também o pai adotivo de Esquiva já pagara o preço da sua traição. Mas também essa não era pergunta que se fizesse à frente de outros. Falei a todos. “Posso ter um pouco de boas notícias para nós. É sopa aguada, mas é melhor que nada para alimentar as nossas esperanças. O Bobo confirma o que eu suspeitava. O ataque veio de Servos do Profeta



Branco. Os calcedinos que participaram eram provavelmente mercenários contratados para brandir espadas, enquanto os Servos dirigiam o ataque. O Bobo ouviu tudo o que a gente de Floresta Mirrada nos contou sobre aquela terrível noite. Está convencido, pelo modo como vestiram Abelha de Branco e a aninharam no trenó, que a julgam um, hm, shaysa... isto é, um candidato a Profeta Branco. Ou qualquer coisa assim. Vão tratá-la bem e tentar levá-la para o seu lugar de origem, em Clerres.”

“E Expressiva?”, perguntou Breu.

“Ouviste o que as pessoas de Floresta Mirrada disseram. Abelha fez os possíveis para a proteger. Se os Servos dão valor a Abelha, como o Bobo crê, espero que isso queira dizer que Abelha poderá continuar a manter alguma proteção sobre Expressiva.”

Houve um silêncio. “Podemos ter essa esperança,” sugeriu-nos Kettricken em voz baixa.

“Sopa aguada, realmente.” Breu estava a abanar lentamente a cabeça. “Nunca as devias ter deixado lá sozinhas, Fitz.”

“Eu sei,” limitei-me eu a dizer. Pouco mais havia que pudesse responder àquilo.

Urtiga pigarreou. “O mensageiro de Breu demonstrou a sua utilidade. Eu tinha julgado o seu nível de aptidão para o Talento demasiado baixo para pertencer a um círculo formal, mas nisto funcionou bem e vamos agora treinar Siduel como um Solo.”

“Recebeste notícias de Floresta Mirrada?”

“Sim. Assim que o nevoeiro de Talento foi limpo, o mensageiro de Breu foi capaz de nos contactar com clareza, e o mesmo fez o meu subalterno Grandioso. Mas poucas das notícias são alegres. FitzVigilante está a caminho de Torre do Cervo, acompanhado pelos restantes Remexidos. Vou deixar Grandioso lá colocado. Eles trazem os corpos dos que vos atacaram na Colina da Forca. Levámo-los a crer que tu e Breu foram atacados por assaltantes desconhecidos, que fugiram depois de os Remexidos terem protegido lealmente a vossa entrada nas pedras.”

“Isso irrita-me,” disse Breu da cama, com amargura.

“Mas é o que melhor protege FitzVigilante e Obtuso durante a viagem com os Remexidos de regresso a Torre do Cervo. Pelo menos um dos mortos merece um funeral de herói, Breu. Quando chegarem a Torre do Cervo, separaremos as ovelhas das cabras, e já andamos a investigar para perceber como uma tal traição pôde ocorrer entre as fileiras deles. Os Remexidos sempre foram um corpo de ‘última oportunidade’ no seio dos guardas. Talvez esteja

na altura de os dissolver por completo.” A voz de Respeitador baixou nestas últimas palavras.

Breu tinha um ligeiro sorriso na cara. Apontou um dedo para o rei e disse-me: “Ele aprende. Uma excelente característica num rei.” Soltou um pequeno suspiro e acrescentou: “Quando me sentir um pouco mais forte, vou ajudar nessa investigação. Mas não dissolvam os meus Remexidos. Tenho um homem...” As palavras esfumaram-se-lhe. A boca ficou levemente entreaberta enquanto ele fitava as chamas. Virei o olhar para Urtiga. Ela abanou a cabeça e levou um dedo aos lábios.

Respeitador virou-se para mim e falou quase num sussurro. “O Obtuso acompanha-os, claro. Ele e o Lante olharão um pelo outro. E temos Siduel com eles, para nos manter informados. Mesmo assim, será bom tê-los aos dois de novo em segurança e em casa. O Lante manter-se-á na corte e, desta vez, ficará aqui em segurança. Como devia ter estado sempre. Os filhos de Dom Vigilante não serão apresentados à corte antes de passarem cinco anos.” Parecia haver ali uma pequena censura dirigida a Breu. Poderia ele nunca ter informado Respeitador de que a “madrasta” de Lante alimentava ódio por ele? Bem, aquilo queria dizer que os rapazes tinham sobrevivido. Apeteceu-me perguntar como estava a saúde da madrastra, mas não o fiz.

Respeitador encheu os pulmões de ar e informou-me: “Não recebemos nenhum relatório sobre os atacantes depois de terem deixado Floresta Mirrada para trás. É como se tivessem desaparecido por completo. Julgamos que é por causa do nevoeiro que conseguem criar. Pedi a vários dos Talentosos ao meu serviço para procurarem nos pergaminhos qualquer menção a um uso semelhante de Talento e à forma como poderia ser detetado. Mas vamos continuar a procurá-las e a vigiar localizações importantes. Grandioso está colocado em Floresta Mirrada, com instruções para continuar a investigar e para nos enviar relatórios diários.”

“Como está a minha gente?”

“A nossa gente está tão bem como se poderia esperar,” respondeu Urtiga em voz baixa.

Um silêncio encheu a sala. Refleti em todo o alcance daquelas palavras. Não havia nada que eu pudesse fazer a respeito do que fora feito.

Breu falou de súbito. “Ah, Fitz! Aí estás tu.”

Virei-me para Breu e forcei um sorriso a subir-me ao rosto. “Como estás?”, perguntei-lhe.

“Estou... não muito bem.” Olhou para os outros em volta como se desejasse que se fossem embora. Ninguém se mexeu para sair. Quando voltou

a falar, percebi que não estava a dizer a verdade completa. “Sinto-me como se tivesse passado muito tempo longe. Muito, muito tempo. Respeitador e Urtiga dizem-me que passámos menos de um dia completo nas pedras. Mas sinto-me como se lá tivéssemos estado muito mais tempo. Muito mais tempo.” O seu olhar sustentou o meu, interrogador.

“Foi quase um dia inteiro, Breu. As coisas podem parecer muito estranhas numa travessia de Talento.” Deitei um olhar a Respeitador. Acenava com a cabeça, de olhar distante. “Acho que usá-las é mais perigoso do que julgávamos. Há nelas mais do que compreendemos. Quando viajamos por elas, atravessamos algo que é muito mais do que a distância. Não devíamos usá-las como se fossem simples portas que vão daqui até ali.”

“Aí estamos de acordo,” disse Urtiga em voz baixa. Deitou um olhar a Respeitador, reconhecendo-lhe a autoridade.

Este pigarreou. “E como te sentes tu, Fitz?”

“Acho que estou quase normal.”

“Temo que tenha de discordar de ti. E Urtiga partilha essa opinião comigo. Mesmo agora, ambos ressoam estranhamente no meu sentido do Talento, e sempre ressoaram desde que regressaram das pedras. Julgamos que a viagem mudou qualquer coisa em ambos. E que talvez ambos devessem abster-se de usar o Talento durante algum tempo.”

“Talvez,” concordou Breu. Soltou um pesado suspiro e depois encolheu-se.

Eu sabia que discutiria a proibição de Talento em privado com Breu. Mudei de assunto. “Quão grave é o teu ferimento?”

“Pensamos que a lâmina lhe atingiu o fígado. A hemorragia parou. O curandeiro diz que o melhor que fazemos é deixá-lo sarar sozinho, que remexer no ferimento pode causar mais danos do que deixá-lo simplesmente repousar.” Fora Respeitador a falar. Breu revirou os olhos.

“Parece-me um bom plano.”

“E é,” asseverou Urtiga. “E também precisamos de outro plano.” Afastou-se da janela para se ir pôr diretamente em frente de Respeitador. Pigarreou. “Meu rei. Invasores ousaram trazer mercenários calcedinos até ao coração do vosso reino. Atacaram a minha casa, matando e ferindo os meus criados. E raptaram a minha irmã, uma criança de linhagem Visionário, mesmo que ainda não tenha sido reconhecida!” Respeitador ouviu-a muito sério. “Uma tal invasão não pode ser tolerada, nem por mim, nem por vós. O Bobo disse-nos que vão tentar levá-las para Clerres. Esse é um lugar de que nunca ouvi falar, mas certamente deve constar de algum mapa, algures em

Torre do Cervo. E, quer fique a norte, a sul, a leste ou a oeste de nós, poderemos bloquear-lhes o caminho! Suplico-vos, como súbdita e prima, que ponhais já as tropas no terreno. Se não conseguirmos encontrá-los no caminho, pelo menos poderemos colocar uma vigia em cada via real, em cada travessia de barca e em cada porto. Bloqueai-os, detende-os, e trazei a minha irmã e a filha de Dom Breu para junto de nós, em segurança.”

Eu divulguei o pouco que sabia. “Clerres é uma cidade que fica muito, muito para sul de nós. Depois de Calcede, depois das Ilhas dos Piratas, depois de Jamaília, depois das Ilhas das Especiarias. É necessário viajar de navio. A questão é: os mercenários irão levá-las primeiro para Calcede e zarparão daí? Ou irão dirigir-se para a costa e esperar encontrar um navio que rume a sul?”

“Calcede.” Respeitador e Breu falaram ao mesmo tempo.

“Nenhum bando de mercenários calcedinos tentaria embarcar num porto dos Seis Ducados. Seriam imediatamente identificados e interrogados e, assim que se descobrisse que Abelha e Expressiva os acompanhavam contra vontade, seriam presos.” Respeitador mostrava absoluta certeza.

Eu fiquei em silêncio, a aplicar a lógica invertida do Bobo. Bom. Os Servos não podiam dirigir-se para Calcede. Então para onde e como se dirigiriam?

Respeitador continuava a explicar. “Portanto, há muito território a atravessar. E muito antes de chegarem a Calcede, terão de substituir os trenós por carros ou carroças. Ou charretes, imagino. Ou então montarão todos a cavalo... Como foi que vieram? Como lhes foi possível penetrarem tão profundamente nos Seis Ducados sem nos alertarem de todo? Achas que vieram de Calcede? Atravessando todo esse território?”

“Onde mais contratariam eles mercenários calcedinos?”, perguntou Breu a ninguém.

Respeitador levantou-se de repente. “Tenho de falar imediatamente com os meus generais. Urtiga, reúne os teus Talentosos e passa palavra a todos os postos avançados onde estejam colocados. Explica o melhor que pudeses o ‘nublamento’ e pede-lhes para ficarem alerta a qualquer uso estranho do Talento... se é que eles estão mesmo a usar o Talento tal como o conhecemos. Vamos enviar aves mensageiras aos postos avançados fronteiriços menos importantes. Mãe, conheceis as nossas bibliotecas quase tão bem como os escribas. Podeis instruí-los para procurarem por esta cidade de Clerres em todos os mapas ou cartas das terras mais longínquas do Sul que tenhamos? A idade do mapa não importa. A lenta do Profeta Branco é

muito antiga. Duvido que a cidade onde se originou tenha mudado de lugar. Quero conhecer as rotas mais prováveis para eles, portos que possam visitar, qualquer informação que possais encontrar!”

“Eliânia ajudar-me-á. Ela conhece as nossas bibliotecas tão bem como eu.”

O fiozinho de ideia que me passara pela mente algum tempo antes manifestou-se de repente. “Teio!”, disse eu de repente.

Todos se viraram para olhar para mim.

“Aquilo que nubla a mente de um homem pode deixar um animal intocado. Peçamos a Teio para passar palavra aos povoamentos de Sangue Antigo, perguntando se algum dos animais vinculados reparou num grupo de soldados e pessoas montadas em cavalos brancos. Os vinculados a aves de rapina ou necrófagas podem ser a nossa melhor esperança. Essas aves veem a grandes distâncias e é frequente as aves necrófagas assinalarem soldados. Aprenderam demasiado bem que soldados em movimento podem representar batalhas, e as batalhas querem dizer carne morta.”

Kettricken fitou-me de sobrelhas erguidas. “Inteligente,” disse baixinho. “Sim. Teio partiu há um dia, a caminho de Vigas. O corvo tinha-o visitado e transmitido que encontrou companheiro. Ele queria ficar e dizer-te adeus, mas não pôde. Um dragão tem sido visto regularmente nos céus de Vigas e é possível que se tenha instalado lá. Teio vai aconselhar a Duquesa e o Duque de Vigas sobre a melhor forma de lidar com ele. A gente de Vigas não fica contente quando pensa na ideia de doar animais de tributo para saciar a fome de um dragão, mas pode ser a coisa mais sensata a fazer. Espera-se que Teio consiga conversar com o dragão e convencê-lo a aceitar o que for oferecido, em vez de depredar os melhores animais reprodutores.” Suspirou. “Que tempos, estes em que vivemos. Sinto-me relutante em chamá-lo de volta, mas suponho que teremos de o fazer. Este assunto é demasiado delicado para o confiarmos a qualquer outra pessoa.”

Dirigi um aceno a Kettricken. Mais um atraso, e Abelha e Expressiva afastavam-se cada vez mais. Mais uma ideia rebentou na minha mente. “Cortês Bresinga. Ele esteve aqui na corte, para o Festival de Inverno. Mandou-me uma nota, oferecendo-me os seus serviços em tudo o que pudesse fazer.”

“Esteve mesmo!” Respeitador sorriu, e eu percebi que ficou contente por eu me ter lembrado do seu amigo. “Cortês tem muitos amigos entre o Sangue Antigo. Pode passar palavra mais rapidamente do que um mensageiro poderá alcançar Teio.”

“Apesar da minha filha, mesmo assim tenho de perguntar se queremos espalhar muito a notícia de que tivemos invasores invisíveis em Cervo.” Breu falou da sua cama, com a voz cheia de relutância.

A voz de Kettricken soou no silêncio. “Eu acabei por conhecer bem Cortês. Nunca esqueci que, em rapaz, ele pôs Respeitador em perigo, que chegou mesmo a fazer perigar-lhe a vida, mas todos nos lembramos também da ameaça que pairava sobre a cabeça dele. Nos anos que decorreram desde então, provou ser um verdadeiro amigo do meu filho, e um portador honroso do Sangue Antigo. Confio na inteligência dele. Deixai-me falar com ele. Dir-lhe-ei para ser circunspecto na escolha dos destinatários das mensagens. E só temos de lhes dizer que andamos à procura de um grupo de homens a cavalo, de trenós e de gente vestida com peles brancas. Mas a minha tendência é gritá-lo de cima dos telhados. Quantos mais olhos estiverem à espreita, maiores serão as possibilidades de alguém ver alguma coisa.”

“E às vezes as pessoas veem o que lhes é dito que poderão ver. A minha escolha, por agora, é a circunspeção.” A palavra do rei era definitiva. O meu coração perdeu um pouco de ânimo, ao mesmo tempo que eu compreendia a sabedoria das suas palavras.

Respeitador já estava à porta. Urtiga seguia-o de perto e senti uma corrente de ordens de Talento a fluir enquanto ela se afastava para executar a sua tarefa. Obediente ao pedido que ela me fizera, não tentei expandir o meu sentido de Talento para tomar consciência do que ela fazia. Não desejava distraí-la aborrecendo-a. Kettricken foi a última a dirigir-se para a porta. Fez uma pausa e abanou tristemente a cabeça ao olhar para Breu. “Devíeis ter confiado mais em nós.” Depois fechou suavemente a porta atrás de si, deixando sozinhos os dois assassinos.

Velhos hábitos. Deixados sós no quarto, ambos revertemos. Dom Breu e o Príncipe FitzCavalaria desapareceram e dois homens que tinham executado durante muito tempo o trabalho discreto da justiça do rei trocaram um olhar. Nenhum de nós proferiu palavra até algum eco de passos nos chegar vindo do corredor. Fui até à porta e pus-me mais um momento à escuta. Depois acenei com a cabeça.

“Que mais?”, perguntou-me Breu após um longo silêncio.

Não vi nenhuma razão para ter cuidado com as palavras. “Cinza reanimou o Bobo dando-lhe sangue de dragão.”

“O quê?”, perguntou Breu.

Não disse nada. Ele tinha-me ouvido.

Passado algum tempo, ele soltou um ruído com o fundo da garganta.

“Cinza é um pouco atrevido em demasia, às vezes. Bem, o que foi que isso lhe fez?”

Apeteceu-me perguntar-lhe o que esperava ele que fizesse. Em vez disso, retorqui: “O rapaz disse que o Bobo estava perto da morte. Despejou um fiozinho de sangue de dragão para dentro da boca dele. Isso reanimou-o. Mais do que reanimou. Está muito melhor do que quando o trouxe para cá, mais recuperado do que quando o deixei para correr para Floresta Mirrada. O sangue parece estar a curá-lo, mas também está a alterá-lo. Ossos que tinham sido partidos e depois sararam mal, nas mãos e nos pés, parecem estar a endireitar-se. É doloroso para ele, claro, mas já consegue mover todos os dedos e é capaz de se apoiar naquele pé mutilado. E os olhos tornaram-se dourados.”

“Como eram dantes? Ele consegue ver?”

“Não, não é como eram dantes. Não são de um castanho muito claro. São dourados. Como metal derretido e igualmente mutáveis.” Ocorreu-me de repente. Eu vira os olhos de *Tintaglia*. Breu também. “Como olhos de dragão. E continua sem conseguir ver. Mas diz que tem tido uns sonhos estranhos.”

Breu afagou o queixo. “Põe Cinza a falar com ele sobre como se sente e a registar tudo o que diz. Diz-lhe que pode usar páginas do pergaminho bom.”

“Posso fazer isso.”

“E os sonhos também. Às vezes, os sonhos de um homem dizem-lhe coisas que não admite a si próprio. Cinza devia anotar tudo o que o Bobo sonhe.”

“Ele pode não querer partilhar o que sonha, mas podemos perguntar-lhe.”

Ele dirigiu-me um olhar semicerrado. “E o que mais te anda a morder?”

“O Bobo teme que os nossos inimigos possam já conhecer todas as nossas jogadas.”

“Espões entre nós? Aqui no Castelo de Torre do Cervo?” Sentou-se de forma demasiado repentina, agarrou-se ao flanco e passou algum tempo a arquejar.

“Não. Espões, não. Ele teme que tenham acumulado profecias obtidas a partir de crianças Brancas e meio-Brancas escravizadas.” Breu escutou atentamente enquanto eu explicava o que o Bobo partilhara comigo.

Quando terminei, refletiu: “Extraordinário. Criar seres humanos para obter poderes proféticos... Que conceito. Estudar os futuros possíveis e escolher a cadeia de acontecimentos que seria mais lucrativa para a ordem deles. Exigiria extrema dedicação, pois estariam a agir para bem daqueles Servos que viessem muito depois deles e não para ganho imediato. E enviam



para o mundo o Profeta Branco que escolhem, aquele que cumprirá a sua vontade na escultura do futuro. Depois aparece o Bobo, um profeta legítimo, fora da sua criação controlada... Escreveste tudo isto para mim?"

"Não tive muito tempo para escrever."

"Bem, arranja tempo, se puderes." Apertou os lábios com força, a pensar. Tinha os olhos muito brilhantes. Eu sabia que os pensamentos dele estavam a ultrapassar os meus, correndo por escadarias de lógica acima. "Há anos, quando o Bobo se isolou depois de levar Kettricken para o Reino da Montanha, quando julgou que estavas morto e que todos os seus planos tinham dado em nada, as pessoas foram à procura dele. Peregrinos. À procura de um Profeta Branco nas montanhas. Como sabiam onde encontrá-lo?"

"Suponho que pelas profecias..."

Ele falou muito depressa. "Ou será que os ditos 'Servos' já nessa época andavam à procura dele? É bastante óbvio para mim que não lhes agradava que ele estivesse fora do seu controlo. Junta as coisas, Fitz. Eles fizeram a Mulher Pálida. Ela era uma peça do seu jogo. Libertaram-na no tabuleiro para dar ao mundo a forma que desejavam. Conservaram-no lá com a intenção de que ninguém pudesse competir com ela, mas ele escapou-se-lhes. E lá foi a rolar e aos tombos pelo tabuleiro como um dado mal arremessado. Precisavam de o ter de volta. Que melhor forma de encontrar alguém do que gerar uma procura por ele, divulgando profecias e deixando que outros fossem a matilha de cães de caça que o perseguiram?"

Fiquei em silêncio. Era frequente a mente de Brey dar aquela espécie de saltos. Ele soltou um pequeno som, que não era bem uma tosse. O brilho nos seus olhos seria a luz da febre? Ouvi-o a respirar pelo nariz enquanto a mente corria.

Ele espetou outro dedo. "Quando começaram a chegar, ele recusou-se a recebê-los. Negou que era profeta e afirmou ser só um fabricante de brinquedos."

Eu confirmei com a cabeça.

"E quando partiram de Jhaampe, fizeram-no muito discretamente."

"É verdade."

"Portanto, podem ter-lhe perdido o rasto aí. Ele desaparece. Segue a sua visão do futuro e ajuda-te a despertar os dragões. Assegura-se de que a rainha regressa a Cervo, com um herdeiro Visionário a crescer na barriga. Torna a desaparecer, para Jamaília, suspeito, e para Vilamonte.

"E anos mais tarde, volta a reaparecer em Torre do Cervo, como Dom Dourado, mesmo a tempo de assegurar uma vez mais a sobrevivência do

herdeiro Visionário. Está determinado a devolver dragões a este mundo. Consegue ultrapassar-nos aos dois em estratégia e chegar à Ilha de Aslevjal. E aí, por fim, os Servos capturam-no. E torturam-no quase até à morte. Acham que o mataram.”

“Mataram-no mesmo, Breu. Ele disse-me que o matariam.” O olhar dele cruzou-se com o meu. Não acreditava por completo em mim, mas eu decidi que não importava se acreditava ou não. “Ele foi para Aslevjal acreditando que isso tinha de acontecer para que *Fogogelo* fosse libertado do glaciador e acasalasse com *Tintaglia*. Para devolver dragões ao nosso mundo.”

“Sim, e como todos desfrutámos disso!”, observou Breu com amargura.

Por nenhum motivo que eu conseguisse explicar, aquilo picou-me. “Desfrutaste o suficiente para obter sangue de dragão,” retorqui.

Ele semicerrou ligeiramente os olhos. “É uma má vontade que não traz nada de bom,” observou.

Eu hesitava à beira de uma decisão. Conversas sobre moralidade eram raras entre assassinos. Fazíamos o que nos ordenavam que fizéssemos. Mas Breu tratara pessoalmente de obter o sangue, não como uma missão ordenada pelo rei. Atrevi-me a questioná-lo.

“Não te sentes um pouco... desconfortável por comprares o sangue de uma criatura que obviamente pensa e fala? Uma criatura que terá possivelmente sido assassinada para colher esse sangue?”

Ele fitou-me. Os olhos verdes estreitaram-se e reluziram como gelo glacial. “É estranho traçares essa fronteira, Fitz. Manhoso como és, correste com um lobo. Não abateram veados e coelhos para os comerem? Mas os de Sangue Antigo que se vinculam a essas criaturas dir-te-ão que pensam e sentem como nós.”

*Mas eles são presas e nós somos o predador. É isso que estamos destinados a ser uns para os outros.* Abanei a cabeça para a limpar de pensamentos lupinos. “Isso é verdade. Um homem vinculado a um cervo concordaria contigo. Mas é assim que o mundo está estruturado. Os lobos comem carne. Nós só apanhávamos aquilo de que necessitávamos. O meu lobo precisava de carne, e apanhávamo-la. Sem ela, ele teria morrido.”

“Aparentemente, sem o sangue do dragão, o teu Bobo teria morrido.” O tom de voz dele tornara-se acerbo. Desejei não ter dado início àquela conversa. Apesar de todos os anos que passáramos juntos, apesar de como ele me treinara, tínhamos divergido na forma de pensar. Pensei com os meus botões que Castro e Veracidade talvez não tivessem sido as melhores influências para um jovem assassino. Como uma cortina a abrir-se para revelar

a luz do dia, ocorreu-me que talvez nenhum deles me tivesse realmente visto como um assassino real. O Rei Sagaz vira. Mas Castro fizera os possíveis por me criar como filho de Cavalaria. E era possível que Veracidade sempre me tivesse visto como seu herdeiro potencial.

Isso não diminuía Breu aos meus olhos. Eu acreditava que os assassinos eram diferentes mas não inferiores aos homens criados como nobres. Tinham o seu lugar no mundo. Como os lobos. Mas arrependia-me de ter dado início a uma conversa que só nos poderia mostrar a ambos até que ponto tínhamos divergido. Um silêncio caíra entre nós e parecia um golfo. Pensei em dizer: “Eu não te julgo,” mas teria sido mentira e só pioraria as coisas. Em vez disso, tentei reassumir um papel antigo e perguntei-lhe: “Estou assombrado por teres conseguido obtê-lo. Para que o procuraste? Tinhas planos para ele?”

Ele ergueu as sobrancelhas. “Várias fontes sugerem que é um poderoso reconstituente. Chegaram-me notícias de que o Duque de Calcede estava a empregar todos os meios ao seu dispor para obter aquele frasco. Acreditava que lhe restauraria a saúde e a vitalidade. E, ao longo de muitos anos, eu nutri um grande interesse pela saúde do duque.” Um sorriso muito ligeiro mas muito triunfante torceu-lhe a boca. “Aquele frasco de sangue ia a caminho de Calcede quando foi... desviado. Em vez disso, veio para mim.” Esperou um momento, para deixar a ideia penetrar-me na mente e acrescentou: “O dragão já estava morto. Recusar-me a comprá-lo não o teria trazido de volta à vida. Desviá-lo do Duque de Calcede provavelmente salvou vidas.” O sorriso voltou a tremeluzir na cara dele. “Ou talvez não o ter tenha posto fim à vida do duque.”

“Tinha ouvido dizer que ele morreu quando dragões fizeram ruir o castelo em cima dele. Se assim for, há alguma ironia no facto, não há? As criaturas que ele andava a caçar para preservar a vida procuraram-no e mataram-no.”

“Ironia. Ou destino. Mas sobre o destino terias de interrogar o teu Profeta Branco.”

Não estava a falar a sério. Talvez. Respondi como se estivesse. “Depois de o trazer de volta dos mortos, ele perdeu a capacidade para ver todos os futuros. Agora vive dia a dia, tal como nós, seguindo às apalpadelas ao longo do caminho que leva ao futuro.”

Breu abanou a cabeça. “Não há nenhum caminho que leve ao futuro, Fitz. O caminho é o agora. O agora é tudo o que existe ou alguma vez existirá. Podes mudar talvez os próximos dez segundos da tua vida. Mas, depois disso, a pura sorte volta a prender-te nas maxilas. Uma árvore cai-te em

cima, uma aranha morde-te o tornozelo, e todos os teus grandiosos planos para vencer uma batalha de nada servem. O agora é o que temos, Fitz, e o agora é onde agimos para permanecermos vivos.”

O caráter lupino daquela ideia abalou-me e remeteu-me ao silêncio.

Ele respirou fundo, soltou um suspiro feroz e deitou-me um olhar que era quase um relance. Aguardei. “Há mais uma coisa que deves saber. Duvido que nos possa ajudar a recuperar as nossas filhas, mas deves ficar ciente dela, para o caso de poder.” Soou quase zangado por ter de partilhar o segredo, fosse ele qual fosse. Esperei.

“Expressiva tem Talento. E forte.”

“O quê?” A minha reação incrédula agradou-lhe.

Sorriu. “Sim. É estranho, mas o Talento que em mim é tão fraco que ainda me debato para o usar, nela floresceu em tenra idade. O sangue Visionário corre fortemente pelas suas veias.”

“Como foi que descobriste isso?”

“Quando ela era muito pequena, contactou-me. Eu tive um sonho de uma miudinha a puxar-me pela manga. A chamar-me papá e a pedir-me para pegar nela ao colo.” O sorriso orgulhoso ficou mais forte. “Ela é forte no Talento, Fitz. Forte o suficiente para me encontrar.”

“Julguei que não soubesse que eras pai dela.”

“E não sabe. A mãe abandonou-a para ser criada pelos avós. Gente razoavelmente boa, à sua maneira. Consigo reconhecê-lo, mesmo que me tenham sangrado de dinheiro. Era claro que não gostavam de mim, mas eram leais ao seu sangue. Ela era inegavelmente sua neta, por isso educaram-na como tal. Com a mesma educação desorganizada que tinham dado à mãe, entristece-me dizer. Benigna mas não inteligente. Manter uma criança em segurança não é o mesmo que educá-la.” Abanou a cabeça, com uma expressão amarga na boca. “A mãe desdenhou-a desde o início e, mesmo em pequena, Expressiva sabia-o. Mas também sabia que tinha um pai, algures, e ansiava por ele. E, nos sonhos, seguiu esse anseio. E as nossas mentes tocaram-se.”

O sorriso incaracteristicamente terno na cara dele informou-me de que esse era o seu verdadeiro segredo. A filha procurara-o e tocara-lhe na mente. E ele estava orgulhoso dela, tão orgulhoso do seu Talento. Tinha pena de não poder tê-la perto de si e de dar forma à esperteza inata que sentia haver nela. Se tivesse tido Expressiva consigo desde o início, ela talvez pudesse ter herdado o seu papel. Agora era demasiado tarde para isso, pensei. Aquelas ideias passaram como relâmpagos pela minha mente, mas as minhas preocupações imediatamente as dominaram.

“Breu, parece-me muito provável que na verdade tenhas sido tu a tocá-la primeiro com o Talento. Como eu fiz, tanto com Urtiga como com Respeitador, sem mesmo me aperceber do que estava a fazer. E depois ela respondeu ao teu contacto. Portanto tu podes alcançá-la e ela pode dizer-nos onde está e podemos recuperá-las! Breu, porque foi que não fizeste isso imediatamente?”

O sorriso desapareceu como se nunca tivesse existido. “Vais julgar-me severamente por isto,” avisou. “Eu selei-a. Contra todos menos eu. Enquanto era ainda pequena. Muito antes de ta levar, selei-a contra o Talento. Para a proteger.”

Senti-me doente de desilusão, mas a parte ordeira da minha mente arrumou os factos numa organizada pilha bifurcada. “Selada contra o Talento. E foi por isso que só ela continuou a ser capaz de lutar contra os Servos quando todos os outros ficaram tão passivos como gado à espera do abate.”

Ele baixou a cabeça num aceno lento.

“Não podes contactá-la e remover o selo? Transmitir-lhe a senha e abrir-lhe a mente?”

“Já tentei. Não consigo.”

“Porque não?” Pânico, ira perante uma oportunidade perdida. A minha voz quebrou-se nas palavras.

“O meu Talento não é forte o suficiente, talvez.”

“Então deixa-me ajudar-te. Ou o Obtuso. Aposto que o Obtuso era capaz de dar cabo de qualquer muralha.”

Ele disparou-me um olhar. “Dar cabo. Não é a melhor expressão para me tentares a fazer a experiência. Mas suponho que a faremos quando o Obtuso cá chegar. No entanto, duvido que resulte. Acho que ela ergueu as suas próprias muralhas e que podem ser robustas.”

“Ensinaste-a a fazer isso?”

“Não tive de ensinar. Ela é como tu. Há coisas que faz por instinto. Não te lembras do que Veracidade dizia de ti? Que era frequente conseguir alcançá-te com facilidade, mas no momento em que entravas nalguma espécie de frenesim de batalha, ficavas perdido para ele?”

Aquilo fora verdade e aparentemente ainda era. “Mas ela não está numa batalha. Elas foram levadas há dias...”

“Ela é uma jovem bonita nas mãos de brutamontes calcedinos.” A voz ganhou densidade. “Sou um covarde, Fitz. Recuso-me a imaginar o que foi a vida dela desde que foi levada. Pode perfeitamente passar todos os momentos de todos os dias em modo de batalha.”

*Não penses nisso*, avisei-me a mim próprio. O terror era tão capaz de me engolir como o nevoeiro posto sobre Floresta Mirrada. Recuei para longe das especulações repletas de farpas sobre como as nossas filhas podiam ser tratadas. Mas eles tinham tratado Abelha como algo de valor. Decerto que isso a protegeria! Que sujo era oferecer-me o conforto de a minha filha poder estar a salvo de tudo o que ameaçava a de Breu. Uma ardente náusea cresceu-me ao fundo da garganta.

A voz de Breu soou baixa. “Para de sentir e pensa. Pensa e planeia.” Ergueu uma mão, fazendo uma careta perante a dor que o movimento lhe causou, e esfregou a testa. “Expressiva conseguiu resistir à magia porque estava selada contra o Talento. Essa pode ser uma armadura a usar quando avançarmos contra eles.”

“Mas não foi só ela que resistiu. Pândego combateu-os. E Lante também.”

A voz de Breu soou profunda. “Até deixarem de o fazer. Lembra-te do que Lante disse. Que estava a tentar defender a porta e depois, de repente, os invasores estavam a rir-se dele e a passar por si. Seja qual for a forma como enredaram aquela magia em Floresta Mirrada, ela não estava no lugar quando começaram o ataque. Porquê? Precisaríamos de estar mais perto das vítimas para resultar? Que Expressiva, selada contra toda a influência do Talento, tenha sido a única pessoa capaz de prosseguir a resistência sugere-me que se eles não estão a usar o Talento propriamente dito, a magia que utilizam é fortemente aparentada com ele.” Fez uma pausa e apontou-me um dedo ossudo. “Bom. O que é que isto nos diz, Fitz?”

Senti-me como se tivesse voltado a ser aluno dele. Tentei encontrar o caminho por onde os seus pensamentos já tinham viajado. “Talvez que os seus utilizadores de Talento não sejam tão fortes...”

Ele já estava a sacudir o dedo na minha frente. “Não. Os que quebraram as portas e os espadachins vieram à frente. Se eles tivessem múltiplos utilizadores de Talento, certamente estariam nas fileiras dianteiras. Decerto que anular a resistência é melhor do que partir portas e matar, especialmente se andassem mesmo à procura do tal Filho Inesperado. Para quê correr o risco de os mercenários matarem precisamente o rapaz que se procurava? No entanto nada disso é o que importa aqui. Pensa.”

Pensei, e depois abanei a cabeça, fitando-o.

Ele soltou um pequeno suspiro. “É frequente que ferramentas semelhantes tenham fraquezas semelhantes. Como foi que derrotámos a magia deles em Floresta Mirrada?”

“Chá de casco-de-elfo. Mas não consigo perceber como poderemos

empregar essa forma de resistência contra eles quando nem sequer sabemos onde estão.”

“Neste momento não sabemos onde estão. Portanto, apesar do nosso desejo de correr de um lado para o outro, de espadas desembainhadas, por cada estrada entre Torre do Cervo e Calcede, reunimos as nossas armas e preparamo-las o melhor possível.”

“Preparamos pacotes de chá de casco-de-elfo?” Tentei não soar sarcástico. Estaria a mente dele a derivar?

“Sim,” disse ele num tom penetrante, como se tivesse ouvido o meu pensamento. “Entre outras provisões. Os meus pós explosivos foram muito melhorados desde a última vez que tiveste experiência com eles. Quando a Dama Rosamaria regressar do seu... recado, mando-a embalar alguns para nós. Fá-lo-ia pessoalmente se este ferimento não me estivesse a causar tantos problemas.” Voltou a tocar-lhe, levemente, com as pontas dos dedos, estre-mecendo ao fazê-lo.

Não lhe pedi autorização, pois tinha a certeza de que não a obteria. Inclinei-me para a frente e pousei-lhe as costas da mão na testa. “Febre,” confirmei. “Devias estar a descansar, não a conspirar comigo. Queres que mande vir um curandeiro?”

Ele estivera sentado. Agora compreendia que fora por não se conseguir recostar devido à dor. Cerrou os dentes num sorriso. “Um príncipe não vai a correr buscar um curandeiro. Tocas à campainha e mandas um criado. Mas aqui não somos príncipes nem senhores, mas assassinos. E pais. Não descansamos enquanto bestas têm as nossas filhas cativas. Portanto ajuda-me a recostar-me. E não tragas cá nenhum curandeiro, vai simplesmente buscar-me os remédios que achares melhores. Eles vão querer que eu durma, quando bem sei que os fogos de uma febre podem fazer com que os meus pensamentos ardam mais luminosamente.”

“Eu faço isso. Mas depois vais dizer-me a senha de Expressiva e, juntos, vamos tentar alcançá-la.” Quanto a isto, eu estava determinado. Aquele era um segredo que não se podia permitir que ele guardasse.

Ele apertou os lábios. Eu mantive-me firme. Foi só quando concordou com a cabeça que lhe pus o braço em volta dos ombros e o apoiei enquanto ele se recostava na cama. Mesmo assim, arquejou de dor e levou a mão ao ferimento. “Oh, o sangue está outra vez a correr,” protestou. Depois ficou em silêncio, com os lábios a projetar-se e a recolher-se enquanto respirava contra a dor.

“Acho que um curandeiro devia examinar-te. Eu conheço venenos e o



tipo de remédios que me mantiveram vivo quando não havia mais ninguém por perto para me ajudar. Mas não sou nenhum curandeiro.”

Vi-o a quase ceder. Depois negociou: “Traz-me qualquer coisa para as dores. Depois tentamos alcançar Expressiva. E depois disso, podes chamar um curandeiro.”

“De acordo!”, disse eu, e apressei-me a sair porta fora antes de ele ter tempo de amarrar alguma exigência ao acordo.

E lá fui eu de volta ao meu quarto, fechando a porta atrás de mim e abrindo a escada secreta. Um *tap tap tap* surpreendeu-me. Afastei a cortina, indo dar com o corvo agarrado ao parapeito de pedra da janela. No momento em que a abri, a ave entrou. Saltou para o chão do meu quarto, olhou em volta, após o que abriu as asas e voou pela escada acima. E eu lá fui atrás, dois degraus de cada vez.

Aí, deparei com uma visão curiosa. O Bobo estava sentado à mesa com uma rapariga de uns catorze anos. O cabelo dela encontrava-se puxado para trás e bem preso sob um barrete rendado. Humilde como era, ainda exibia três botões. A sua bem cuidada túnica de criada de azul de Torre do Cervo tapava-lhe o modesto busto. Estava a observar atentamente enquanto o Bobo movia uma pequena faca afiada por um bocado de madeira.

“...mais difícil sem a visão, mas sempre foram os dedos que me leram a madeira quando eu estava a esculpir. Temo que me tenha tornado mais dependente das pontas dos dedos do que me tinha apercebido. Ainda consigo sentir a madeira, mas não é o mesmo que quando...”

“Quem és tu e quem te deixou entrar neste quarto?”, perguntei. Avancei imediatamente para me interpor entre o Bobo e a rapariga. Ela ergueu o olhar para mim com uma expressão desolada. Depois, Cinza falou pelos seus lábios.

“Foi um descuido. Dom Breu não vai ficar contente comigo.”

“O que é? O que foi que te alarmou tanto?” O Bobo estava esbaforido de ansiedade, com os olhos dourados muito abertos. A ferramenta de esculpir que tinha na mão era agora agarrada como uma arma.

“Não é nada. Só mais uma das mascaradas de Breu! Entrei e deparei com Cinza vestido de criada. A princípio não o reconheci e fiquei baralhado. Está tudo bem, Bobo. Estás em segurança.”

“O quê?”, perguntou ele numa voz agitada, e depois conseguiu soltar uma gargalhadinha nervosa. “Oh. Se é só isso, então...” Mas quando levou a ferramenta à madeira, a mão tremia-lhe. Sem uma palavra, pousou-a. Depois, rápida como uma serpente a atacar, a sua mão disparou até ao outro

lado da mesa para agarrar o braço de Cinza. O rapaz soltou um grito mas o Bobo segurou-o bem enquanto lhe agarrava também o outro pulso. “Porque haverias tu de te disfarçar assim? Quem te paga?” Depois, quando a sua mão desceu mais ao longo do braço do rapaz até ao pulso e depois à mão, recostou-se subitamente na cadeira. Não libertou o braço de Cinza, mas disse numa voz trémula: “Não é Cinza com um vestido de criada, mas uma criada que se mascarou de jovem aprendiz de Breu. Que se passa aqui, Fitz? Como podemos ter sido tão estúpidos para confiarmos tão depressa?”

“A vossa confiança não foi mal dirigida, senhor. Eu teria possivelmente revelado o meu segredo mais cedo, se Dom Breu não o tivesse proibido.” Em voz mais baixa, acrescentou: “Estais a magoar-me. Por favor, fazei menos força.”

A pele do antebraço da rapariga erguia-se em saliências brancas entre os dedos do Bobo. Falei. “Bobo. Eu agarrei-a. Podes largá-la.”

Ele fê-lo, mas com relutância, abrindo lentamente as mãos. Voltou a sentar-se na cadeira. Os olhos dourados rodopiaram e reluziram furiosamente à luz pouco intensa. “E o que fiz eu para merecer esta vigarice de Dom Breu?”

Ela olhou para mim enquanto falava, esfregando o braço. Tinha as bochechas muito rosadas e, agora que o Bobo anunciara que era rapariga, perguntei a mim próprio como tinha podido ver nela outra coisa qualquer, mesmo disfarçada de rapaz. Quando falou, a voz soou um grau mais aguda. “Senhores, suplico-vos. Não havia nenhuma vontade de vos enganar, mas só de permanecer como me tínheis visto. Como o rapaz, Cinza. Era assim que estava disfarçada quando Dom Breu me conheceu inicialmente, embora ele tenha percebido o disfarce em menos de uma noite. Disse que foi por causa do pescoço e da finura das mãos. Deu-me muitos soalhos a esfregar para as tornar mais ásperas, o que ajuda, mas diz que são os ossos que me denunciam. Foi assim que percebestes, Dom Dourado? Pelos ossos das minhas mãos?”

“Não me trates por esse nome. Não fales de todo comigo!”, declarou infantilmente o Bobo. Perguntei a mim mesmo se ele se teria arrependido das suas palavras se visse como a devastaram. Pigarreei e ela virou o olhar magoado para mim.

“Fala comigo e conta-me a história desde o início. Desde que conheceste inicialmente Dom Breu.”

Ela compôs-se, fechando as mãos reveladoras sobre a mesa, à sua frente. Eu esquecera o corvo e, quando *Matizada* saltitou para mais perto, sobresaltei-me. O corvo balançou a cabeça e tocou-lhe a mão com o bico, como

que para a sossegar. A Cinza-rapariga quase sorriu. Mas quando falou, eu vi como ainda estava abalada. “A minha história começa bastante tempo antes de conhecer Dom Breu, senhor. Sabeis que a minha mãe era prostituta. É aí que começa a minha história de enganar. Eu nasci rapariga, mas a minha mãe fez de mim um rapaz minutos depois do meu nascimento. Deu-me à luz sozinha, mordendo um lenço dobrado para que os gritos não a denunciassem. Quando fui descoberta, já estava embrulhada em roupa e ela declarou à patroa do estabelecimento que tinha dado à luz um filho. Portanto, cresci naquela casa de mulheres julgando-me rapaz. A minha mãe era inflexível na insistência de que só ela podia cuidar de mim e na exigência de que eu tivesse privacidade em qualquer momento em que o meu corpo pudesse estar despido. Não tive companheiros de brincadeira, só saía de casa na companhia da minha mãe e era severamente admoestada para que, sempre que não estivesse com a minha mãe, permanecesse no seu quatinho de vestir privativo e ficasse calada. Aprendi isto há tanto tempo que nem sequer me lembro de como me foi ensinado.

“Tinha quase sete anos quando ela me revelou a verdade. Sem nunca ter visto ninguém nu que não fosse uma mulher, nada sabia sobre como os órgãos masculinos diferiam. Julgara-me rapaz durante todo aquele tempo. Fiquei chocada e preocupada. E com medo. Porque na nossa casa havia raparigas não muito mais velhas do que eu que labutavam tristemente no ofício da minha mãe, apesar de terem de fingir sempre estar alegres e animadas. Foi por isso, disse-me a minha mãe, que ela me transformou em rapaz e era por isso que eu tinha de continuar a ser rapaz. Ela disse-me que o meu verdadeiro nome é Centelha. Cinza é o que tapa um carvão em brasa e lhe esconde a luz, e foi assim que criou os meus nomes.”

A contragosto, o Bobo estava arrebatado pela história dela, com a boca levemente entreaberta de espanto ou de horror. Senti uma profunda tristeza por ela.

“Como é que as mulheres trabalham nesse ofício como se fossem escravas? A escravatura não é permitida nos Seis Ducados.”

A minha ignorância fê-la abanar a cabeça. “Pois não. Mas é frequente que, quando se incorre numa dívida que não se pode pagar, a sentença seja termos de trabalhar para a pagar. Quando a minha mãe era nova e recém-chegada à Cidade de Torre do Cervo, não era esperta o suficiente para perceber que o dono da casa de jogos lhe estava a dar créditos demasiado fáceis. E quando ficou profundamente enredada, ele fechou a armadilha.” Olhou para mim de cabeça inclinada. “E não foi, nem de perto, a primeira

mulher, ou homem, a ser assim coagida. É bem sabido que existe um juiz, Dom Sensível, que preside aos julgamentos de muitos devedores e envia frequentemente homens e mulheres bem-parecidos para o ofício da carne. Casas discretas, como aquela onde a minha mãe trabalhava, pagam as dívidas de jogo e reclamam para si a nova dívida. Se alguém se queixa, os donos ameaçam vender a dívida aos que põem devedores nas docas e nas ruas, para exercerem o seu ofício nas vielas. Mas depois de a minha mãe estar na casa, era-lhe cobrada a comida que ingeria, a roupa, a cama e os lençóis limpos. As prostitutas nunca conseguem sair das dívidas. Quando eu nasci e a minha mãe ficou comigo, tornei-me uma despesa adicional para ela.”

“Dom Sensível,” disse eu, gravando o nome na memória e jurando friamente que Respeitador iria ouvir aquela história dos meus lábios. Como tinha eu vivido tanto tempo em Cervo sem nunca saber de uma coisa daquelas?

Centelha reatou a história. “As mulheres da casa começaram a usar-me como moço de recados. Deixavam-me sair e andar por aí, para levar notas aos cavalheiros delas ou trazer coisas especiais dos mercados. As nossas vidas prosseguiram. Uma noite conheci Dom Breu quando ele solicitou um moço para levar uma mensagem sua a um navio ancorado nas docas fluviais. Eu peguei na nota e fiz o que ele tinha pedido. Quando voltei, entreguei-lhe a resposta escrita. Tinha-me virado para me ir embora quando ele me chamou de volta, erguendo uma moeda de prata. Mas quando fui pegar nela, ele pegou-me na mão, mesmo como fizestes, e depois, num murmúrio, perguntou-me que jogo andava eu a fazer. Disse-lhe que não fazia jogo nenhum, que era o moço de recados da minha mãe e que se tivesse perguntas a fazer, devia fazer-lhas a ela. E nessa noite ele procurou-a em vez da sua favorita e passou a noite inteira com ela. Ficou muito impressionado com o bem que ela me tinha ensinado. E depois disso, sempre que vinha de visita, arranjava sempre uma desculpa para me ver, para me mandar desempenhar alguma tarefa, pagando-me sempre uma moeda de prata. Começou a ensinar-me mais coisas. A projetar o queixo para ter mais maxilar e a tornar a mão mais áspera com água fria e a enchumaçar os sapatos para parecer ter pés maiores.

“A minha mãe era muito boa no seu ofício, mas não fora o que quisera para si, e muito menos para mim. Dom Breu prometeu que, quando eu fizesse quinze anos, me daria emprego como criada e me ensinaria outro ofício.” Fez uma pausa, suspirando. “O destino interveio. Ele acolheu-me com onze anos.”

“Espera. Que idade tens?”

“Como rapariga? Treze anos. Quando sou Cinza, digo às pessoas que

tenho onze. Sou um rapaz bastante magricela, apesar de ser forte para rapariga.”

“O que aconteceu quando tinhas onze anos?”, perguntou o Bobo.

A cara de Centelha perdeu toda a expressão. Os seus olhos ficaram ilegíveis. Mas manteve a voz firme. “Um cavalheiro achou que o divertiria partilhar a cama com uma mãe e o seu filho. Já pagara à patroa da nossa casa uma soma substancial para uma noite dessas quando veio até aos nossos aposentos. Ninguém nos pediu autorização. Quando a minha mãe levantou objeções, a dona da casa disse que a dívida era tão minha como da minha mãe. E que se a minha mãe e eu não obedecêssemos, me expulsava da casa naquele instante.” A cara ficou mais pálida, as narinas apertaram-se de desgosto. “O cavalheiro veio aos nossos aposentos. Disse-me que eu ficaria primeiro a ver enquanto ele fazia o que tinha a fazer com a minha mãe. E que depois ela observaria enquanto ele me ensinava ‘um novo divertimentoinho.’ Eu recusei e ele riu-se. ‘Criaste-o para ter espírito. Sempre desejei uma montadazinha espirituosa.’

“A minha mãe disse: ‘Não o tereis, nem agora nem nunca.’ Eu julguei que ele se zangaria, mas aquilo só pareceu excitá-lo. A minha mãe estava a usar um agasalho bonito, como as mulheres da casa usavam frequentemente. Ele agarrou na gola, rasgou-a e empurrou a minha mãe para cima da cama mas, em vez de se debater, ela envolveu-o com as pernas e os braços e disse-me para fugir, para sair de casa e nunca voltar.” Fez uma pausa, com a mente a recuar no tempo. O lábio superior torceu-se duas vezes para cima. Se fosse uma gata, teria cuspidido um silvo.

“Centelha?”, incentivou-a gentilmente o Bobo.

A voz soou inexpressiva. “Fugi. Obedeci-lhe como sempre lhe tinha obedecido e fugi. Escondi-me. Vivi nas ruas de Vilassuja durante dois dias. Não me saí lá muito bem. Um dia, um homem apanhou-me. Julguei que me ia matar ou violar, mas ele disse-me que Dom Breu queria falar comigo. Era um nome diferente daquele por que eu o conhecia quando era freguês da casa da minha mãe, claro. Mas o homem trazia um símbolo que reconheci, portanto, mesmo apesar de temer uma armadilha, fui com ele. Dois dias de fome e frio tinham-me feito perguntar a mim mesma se fora tola por recusar o cavalheiro da minha mãe.” Suspirou. “O homem levou-me para uma estalagem, deu-me uma refeição e trancou-me num quarto. Esperei durante horas, com medo do que podia acontecer a seguir. Depois, Dom Breu veio. Disse que a minha mãe tinha sido assassinada e que temera por mim...”

Foi esse o ponto em que a vida e a dor regressaram à sua voz. Percorreu

o resto da história com a respiração presa. “Julguei que a tinha deixado na iminência de uma surra. Ou perante a perspectiva de ter os rendimentos limitados pela patroa da casa. Não para ser violada e estrangulada e deixada no chão do seu quarto como um lenço sujo.”

As palavras dela pararam e, durante algum tempo, respirou como um fole. Nem eu nem o Bobo falámos. Por fim, ela disse: “Dom Breu perguntou-me quem tinha feito aquilo. A patroa da casa recusara-se a dizer quem tinha comprado o tempo da minha mãe naquela noite. Eu não sabia o nome dele, mas sabia tudo o resto sobre ele. Conhecia o nome do perfume que usava e o padrão da renda nos seus punhos, e que tinha um sinal de nascença por baixo da orelha esquerda. Não creio que algum dia consiga esquecer o seu aspeto exato quando a minha mãe o prendeu a si para que eu me pudesse escapar.”

As palavras sumiram-se-lhe e seguiu-se um longo silêncio. Ela soltou um soluço, um som estranhamente normal no fim de uma história tão sombria. “Portanto vim para aqui. Para trabalhar para ele e aprender que ele era realmente Dom Breu. Vim para cá como rapaz e vivo cá principalmente como rapaz, mas ele às vezes pede-me para me vestir como criada. Para aprender a ser rapariga, suponho. Suspeito que não será tão fácil para mim usar o disfarce de rapaz quando me fizer mulher. Mas também para ouvir a espécie de coisas que as pessoas não dizem à frente de um criado. Para ser testemunha da espécie de coisas que um senhor ou uma senhora faz à frente de uma simples criada, que não fariam à frente de mais ninguém. E para trazer essas observações a Breu.”

Breu. E com aquela menção ao nome dele, aquilo que me trouxera ali regressou de rompante à minha mente. “Breu! Ele tem uma febre causada pelo ferimento e foi por isso que vim cá. Vim buscar qualquer coisa para as suas dores. E mandar buscar um curandeiro para ir visitá-lo mais tarde para lhe voltar a limpar o ferimento.”

Centelha pôs-se em pé de um salto. A preocupação na sua cara não era fingida. “Vou já buscar-lhe um curandeiro. Conheço o velho que ele prefere. Não é rápido, mas é bom. Fala com Dom Breu e oferece-lhe este tratamento ou aquele, e dá ouvidos ao que Dom Breu acha que seria melhor. Vou já buscá-lo, embora ele seja lento a levantar-se, e depois vou imediatamente para o quarto de Dom Breu.”

“Vai lá,” concordei e ela correu para a porta da tapeçaria e desapareceu do refúgio. Durante algum tempo, ficámos em silêncio.

Depois: “Papoila,” disse eu, e levantei-me para me dirigir às estantes.

Breu tinha-a armazenada em várias formas. Escolhi um extrato potente que podia diluir num chá.

“Ela foi um rapaz muito convincente,” observou o Bobo. Não consegui identificar a emoção que tinha na voz.

Estava à procura de um recipiente mais pequeno onde pusesse levar parte do extrato. “Bem, tu saberás mais sobre isso do que eu,” disse sem pensar.

Ele riu-se. “Ah, Fitz, e sei mesmo.”

Tamborilou com os dedos no tampo da mesa. Virei-me, surpreendido, para o ver fazer aquilo. “As tuas mãos parecem estar muito melhor.”

“E estão. Mas ainda me doem. Tens papoila para mim?”

“Temos de ter cuidado com a quantidade de remédios que te damos para as dores.”

“Bom. O que estás a dizer é ‘não.’ Enfim.” Vi-o a tentar unir os dedos em ponta. Ainda estavam demasiado rígidos. “Quero pedir desculpa. Não. Não é bem pedir desculpa, mas... eu tenho estes ataques de terror. De pânico. E transformo-me noutra pessoa. Em alguém que não quero ser. Quis magoar Cinza. Foi esse o meu primeiro impulso. Magoá-lo por me assustar.”

“Conheço esse impulso.”

“E?”

Tinha desistido da busca. Teria de levar a garrafinha até ao quarto de Breu e depois trazê-la de volta. “É a Cinza que tens de pedir desculpa. Ou a Centelha. E quanto a esse ataque de fúria? Tempo. Tempo que passe sem que ninguém tente magoar-te ou matar-te vai atenuar essa reação. Mas, segundo a minha experiência, nunca desaparece por completo. Ainda tenho sonhos. Ainda sinto ataques de fúria.” Veio-me à mente a cara do homem que apunhalara o cão no mercado. A ira voltou a crescer em mim. *Devia tê-lo magoado mais*, pensei. *Para*, disse a mim mesmo. *Para de te lembrar disso*.

Os dedos do Bobo tamborilaram levemente na madeira que ele estivera a esculpir. “Cinza, Centelha. Ela é boa companhia, Fitz. Gosto dele. Suspeito que vou gostar também dela. É frequente Breu ser mais sensato do que o crédito que lhe dou. Permitir que ela se vista e viva segundo os dois papéis que representa é brilhante da parte dele.”

Fiquei em silêncio. Acabara de me lembrar de quão indiferentemente eu ficara em pelo à frente de Cinza. Uma rapariga. Uma rapariga que não era muitos anos mais velha que a minha filha, a entregar-me roupa interior. Julgo que havia anos que não corava tanto. Não mencionaria tal coisa ao Bobo. Ele, nos últimos tempos, já tivera divertimento suficiente às minhas custas.